

ENTREVISTA

Rui De Rosis. Vereador em Santos pelo MDB e presidente da Câmara eleito para o período 2019-2020.**“Eu vou ser intransigente na defesa do vereador. Ele tem que ser prestigiado”**RAFAEL MOTTA
DA REDAÇÃO

Ex-meia-direita de times de futebol como Portuguesa Santista, Palmeiras e Santos, Rui Sérgio Gomes De Rosis marcou um gol fora das quatro linhas: no último dia 1º, foi eleito, por unanimidade, presidente da Câmara de Santos nos próximos dois anos. Aos 65 anos e em seu primeiro mandato, o vereador pelo MDB reconduzirá o sobrenome da família ao comando do Legislativo. Seu pai, Osvaldo (cujo nome é dado ao plenário da Casa), e seu irmão, Marcus, ambos falecidos, já exerceram a direção – o primeiro, duas vezes, e o filho, três. Rui De Rosis diz ter entre suas metas aproximar a Câmara da população e fortalecer o papel dos vereadores enquanto representantes do povo. Porém, sempre a partir de soluções dialogadas com os demais colegas, para que se utilizem com austeridade os R\$ 89,682 milhões que o Legislativo terá em caixa em 2019. Adiante, trechos da entrevista, concedida no gabinete de De Rosis no fim da tarde de segunda-feira.

Por que decidiu concorrer à Presidência da Câmara?

(...) É evidente que o histórico da família, o nome do plenário – o nome do meu pai –, o Marcus foi o grande idealizador deste prédio em que nós hoje estamos (o antigo *Castelinho* do Corpo de Bombeiros, na Vila Nova)... Então, acho que isso foram coisas de suma importância. E, principalmente, a cobrança da família, dos amigos, sempre achando que não poderia deixar de eu continuar o legado que foi pelo meu pai e pelo Marcus. (...) E pensava em pôr o meu sobrinho, filho do Marcus (Vitor), pensava em colocar o meu filho (Rui Júnior), mas achei eles ainda novos, prematuros (...). Eu comecei o trato com os vereadores, fui conhecendo cada um, da sua maneira, fui me envolvendo... e gostei, Rafael (ri). Gostei da *brincadeira*. Acho que a Câmara de Santos representa muito. (...) É lógico que teve o contraditório, foi difícil, fui costurando – e isso o meu pai tinha muita facilidade, o Marcus também –, conseguindo um vereador, explicando para ele qual era o meu principal objetivo, que era fazer uma Câmara forte, independente. É evidente que ela tem que ser harmônica, mas os poderes são independentes.

De que maneira fazer essa Câmara, nas suas palavras, mais forte e independente do que agora?

Eu acho que a Câmara, já nesta gestão do Adilson (Júnior, PTB, atual presidente), teve uma grande evolução, principalmente porque o número de projetos apresentados pelos vereadores, a forma das audiências públicas que a gente tem feito, nós temos procurado, cada dia mais, melhorar. Eu acho que nós temos que dar uma sustentação maior ao vereador. O vereador tem que ser o grande responsável por tudo isso, mas tendo muita consciência daquilo que ele vai desenvolver, porque é para a Cidade. Acima dos interesses dos vereadores, estão os interesses do povo de Santos.

Na gestão da Câmara, especificamente, quais são as prioridades que o sr. tem?

(...) É o enxugamento da máquina

“(Uma meta é) Enxugar a máquina. Temos de ter uma Câmara ativa, mas sem gastos astronômicos que não mais se encaixam hoje”

na. Nós precisamos estar muito atentos àquilo que a sociedade quer. A sociedade não quer que nós façamos gastos que não devem ser (feitos). Nós temos que ter uma Câmara muito ativa, uma Câmara que possa desenvolver grandes trabalhos (...), mas não com nada de gastos astronômicos, de posições que não mais se encaixam no dia de hoje.

A Câmara tem os seus funcionários fixos (208, mas incluídos os de livre provimento, não concursados) e aí, nesse ponto, fica difícil fazer um corte de despesas. O que é possível enxugar na gestão da Câmara?

Olha, na verdade, eu ainda não tenho esse conhecimento todo porque ainda não sentamos. Estamos fazendo uma transição agora. O Adilson tem buscado essa transição, tem tentado fazer o máximo para que a gente possa estar atento ao que nós vamos receber, mas vamos ver como a máquina é. (...) A Câmara já é muito enxuta. (...)

Uma das propostas que o presidente Adilson tinha, antes da posse, era melhorar o sistema de comunicação da Câmara com a sociedade, talvez com uma rádio legislativa, ampliando a programação da TV... O sr. acha que existe margem e, até, prioridade para isso?

(...) Nós precisamos ter uma conversa com todos os vereadores para ver. Seria importante que isso acontecesse, principalmente para que nós pudéssemos levar a Câmara Municipal para o povo da Cidade, que realmente vai entender como funciona a Câmara. Mas eu acho que, de momento, nós precisamos ter uma reunião da Mesa Diretora e com todas as pessoas para a gente ver, realmente, se há necessidade de fazer essa TV Legislativa. (...) O Marcus já tinha feito isso. Tinha ido a Campinas (SP), visitar a TV Legislativa, levou os vereadores e chegou à conclusão de que, naquele momento, não era necessário. (...)

De modo geral, há alguma coisa aqui da Câmara que mais incomode ou preocupe o sr. e que, nessa sua gestão, seja necessário resolver?

De início, assim, eu não vejo nada. A coisa que eu mais quero fazer como presidente da Casa é que o vereador tenha



“Na hora que o Executivo precisar, esta Casa vai buscar sempre uma solução. Logicamente, sem submissão”

uma grande responsabilidade naquilo que ele faz com o povo santista. Eu vou ser intransigente na defesa do vereador. Eu acho que o vereador tem que ser prestigiado porque eu sei muito bem o quanto é difícil o trabalho que se faz aqui. A sociedade tem uma relação muito próxima com o vereador. Por exemplo, o deputado estadual, só se vê ele quando estiver perto de campanha. O deputado federal, a mesma coisa. Então, na verdade, o vereador é aquele que entra de frente com a sociedade, que a sociedade passa suas reivindicações, que procura buscar, a cada momento, para aquilo que ela mais necessita. (...)

O sr. falou da capacidade de articulação política que tinham seu pai e o vereador Marcus, seu irmão. E, agora, acabou costurando um entendimento para que o sr. terminasse eleito presidente. Como foi essa articulação política? Quais as maiores dificuldades que o sr. achou no caminho?

No início, quando eu comecei a fazer essa articulação, o que aconteceu? Quando nós entramos, os vereadores novos, nós já tínhamos uma Câmara que já estava trabalhando, e os vereadores que estavam aqui já ti-

nham montado uma chapa. O entendimento, a parceria, a identidade que eles tinham entre si eram muito maior do que nós (tínhamos, os estreantes) quando chegamos. Então, a partir desse momento, eu vi que era necessário que nós formássemos um pequeno grupo para que tivéssemos uma representatividade. Fui falando com os vereadores, explicando, conhecendo cada um, e que cada um me conhecesse. Eu tinha uma vontade, acho que muito grande: eu era um De Rosis, né? Então, isso aí aproximou demais, porque todos esses vereadores que ficaram – não os que entraram – foram parceiros do Marcus. Então, eles sabiam como Marcus lidava e tinham uma ideia, mais ou menos, de como eu poderia lidar. E eu fui mostrando a eles que eu era um cara igual ao meu irmão, que era amigo, que era leal, que dava a minha palavra e, com certeza, eu ia sustentar porque, principalmente, eu tinha alguma coisa que vinha já do meu pai: o cumprimento da palavra. (...)

Logo que começaram as conversas sobre a possibilidade de o sr. chegar à (Presidência da) Câmara, alguns levantavam um ponto do seu temperamento, que seria o de uma**pessoa mais impetuosa. Isso se acalmou com o tempo ou talvez tenha ajudado nessa indicação unânime para ser presidente?**

(Ri) Na verdade, acho que eu continuo da mesma forma que sempre fui. Eu posso ser um cara explosivo, mas sou extremamente consciente e responsável nas minhas atitudes. Eu tenho algumas coisas, realmente, eu posso explodir. Não, assim, nada que fosse um absurdo: eu tenho a necessidade de pontuar aquilo em que eu acredito, e defendo com todas as forças aquilo que eu pretendo. Mas também sei, na hora de entender, que eu não posso passar dos limites. Tanto é que eu falei, no meu último discurso, que, se eu errar, eu quero que as pessoas me alertem.

Como deve ser, na sua gestão, a relação da Câmara com o Executivo que, não é de agora, tem sido entendida como uma grande maioria governista que pouco contesta aquilo que o Executivo apresenta?

(...) É difícil, numa Câmara como a de Santos, em que 19 vereadores fazem parte da base do Governo – nós só temos dois vereadores realmente de oposição, que são o Chico (Nogueira) e a Telma (ambos do PT).

“Há uma relação muito próxima da sociedade com o vereador. Ela só vê deputados durante campanha”

Mas nós temos vereadores aqui que são linha-dura, não dão moleza. Apertam, divergem... Eu tenho feito isso também. Então, não é uma situação muito fácil para o Governo, mas, na hora em que o Executivo precisar, pode ter certeza de que esta Casa vai buscar sempre uma solução. Logicamente, sem submissão. (...)

A eleição para o Governo do Estado, em que venceu João Doria (PSDB), que não era o candidato do prefeito (Paulo Alexandre Barbosa, PSDB): isso de alguma forma pode interferir na relação ou na força política que tem o prefeito perante os vereadores?

(Pensa brevemente e responde) Não sei. Eu, sinceramente, vou te falar uma coisa: eu sempre falo que eu acredito muito na representatividade. Eu, particularmente, trabalhei para o (governador) Márcio França (PSB). Ajustei o Márcio, queria muito que o Márcio ganhasse porque era uma representatividade que Santos já não tinha há muito tempo. Eu acho que a região metropolitana, a Baixada Santista precisava dessa representatividade. (...) Infelizmente, nós não conseguimos, mas não tenho nada contra o governador (eleito) Doria. Pelo contrário, acho necessário que ele veja com mais carinho a Baixada.

Isso deve fazer com que os vereadores aumentem o tom de cobrança ou sejam mais persistentes em relação ao Estado, para que ajude a Prefeitura?

Eu acho que sim, porque precisa ter uma força muito maior. Por exemplo, uma coisa que eu não entendo até hoje: nós não conseguimos fazer o túnel da Zona Noroeste para a Zona Leste. Haverá um desenvolvimento muito grande se isso acontecer. A Zona Noroeste precisa se desenvolver e, com esse túnel, faria uma abertura que daria uma outra margem para a Cidade. Nós precisamos resolver definitivamente a entrada da Cidade. A mobilidade da Cidade. (...) O Estado tem que estar atrelado à nossa Cidade.

IRANDY RIBAS - 11/10/18